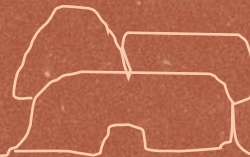


DE TUDO QUE É POSSÍVEL  
FAZER COM O QUE NOS CERCA  
**caminhos para pensar o afeto**

brasília, 2023

victória reis



Trabalho de Conclusão de Curso de  
Bacharelado do Departamento de Artes  
Visuais do Instituto de Artes da  
Universidade de Brasília.

Orientador: César Becker



Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS – BACHARELADO ARTES PLÁSTICAS

No dia 20 de julho de dois mil e vinte e três, às 15h00min, realizou-se presencialmente, na Casa da América Latina, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da estudante **Victória Reis**, intitulado “**De tudo que é possível fazer com o que nos cerca – caminhos para pensar o afeto**”.

A Banca Examinadora foi composta pelo Prof. Dr. **César Becker** (orientador), Prof. Dr. **Nelson Fernando Inocencio da Silva** (membro interno) e pela Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> **Leticia Miranda** (membra externa). Após arguição da discente, deliberou-se pela **APROVAÇÃO** do discente com a menção **SS**. Proclamado o resultado, os trabalhos foram encerrados e, para constar, eu, César Becker, presidente da sessão, lavrei a presente Ata, que assino em conjunto com os titulares da Banca.

  
César Becker  
Presidente

  
Nelson Fernando Inocencio  
Membro Interno

  
Leticia Miranda  
Membra externa

## como se faz nos agradecimentos



mãe, lui, nivia, maria, joão, bela, César, Flávia, Thay, Gustavo, Gab, Bia e Clara.



flávia e gustavo\_por toparem a ideia e pelos belíssimos registros em fotos e vídeos.  
césar\_pela orientação, cuidado, compreensão, e por todas as vezes que saí de suas aulas estimulada a criar. estendo este agradecimento a outros professores do departamento!  
grazi\_minha psicóloga, por mostrar que posso me olhar com mais carinho.

amigos\_por me ensinarem sobre o amor.  
“a amizade é o espaço em que a maioria de nós tem seu primeiro vislumbre de amor redentor e comunidade carinhosa. aprender a amar em amizades nos fortalece de formas que nos permitem levar esse amor para outras interações com a família ou com laços românticos” (hooks, 2020, p.166)  
em especial\_  
thay\_por todas conversas que me fazem enxergar o mundo de outra forma; lui\_por me mostrar o prazer de ouvir e ser ouvida sem

grandes esforços; maria\_por sempre vibrar pelos meus sonhos como se fossem seus; gab\_por me apresentar o que é afeto. os agradecimentos a vocês se estendem pelos capítulos do trabalho!

bela\_por cuidar de mim com tanto carinho, na escuta e presença; clara\_por me mostrar que é possível admirar tudo aquilo que muita gente não entende como afeto; pedro\_por todas as vezes que foi um lugar seguro.

natalia\_por me ensinar o que é ser família. te admiro imenso e quero sempre crescer com você!

Mãe\_por acreditar na minha arte e sempre se mostrar orgulhosa. por fazer possível minha graduação e ensino. sinto amor em todas as vezes que procura fazer por mim muito mais do que está ao seu alcance. quero poder te retribuir tudo e mais um pouco!

mamãe,



eu te amo no fundo do  
meu coração e é muito  
especial para mim. Obrigada  
por tudo que você fez por mim.  
Beijo Victória



aqui escrevo como converso. escolho as letras minúsculas e a linguagem algumas vezes informal para me sentir mais à vontade com a escrita. mais à vontade para falar do que sinto.

para escutar enquanto se lê:  
[https://youtu.be/vZZ6qW\\_R-Dk](https://youtu.be/vZZ6qW_R-Dk)

## resumo

nossas histórias, por mais que nasçam de relatos e memórias pessoais, são contadas a partir de uma perspectiva que possibilita outras pessoas se identificarem, ou não. sendo assim, julgo importante me localizar como uma mulher cis, negra, bissexual, de classe média, filha de mãe solteira, brasiliense, entre outras particularidades. a importância do amor surgiu para mim, primeiro, da identificação. as consequências dos mais de 300 anos de Brasil escravocrata, da tentativa de branqueamento da população, da falta de reparação pós-escravidão, causaram, além de problemas estruturais na sociedade, impactos psicológicos e pós-traumáticos, e, com isso, as dificuldades em amar e ver o amor como potencial de cura. assim, relato sobre minha relação com a afetividade em um contexto pessoal, mas que também se apresenta no coletivo de uma compreensão racial que procura conhecer o amor.

palavras-chave: afeto; amor; circularidade; coletivo; oralidade; cerâmica; trançado.



. “o amor cura. nossa recuperação está  
no ato e na arte de amar”

*bell hooks*



## onde encontro casa

1_ na tentativa de apropriar minha história	20
2_ de cobrinha em cobrinha	34
3_ quero circular por aí	53
4_ tem lugar pro não-lugar?	73
5_ de todos os dias que meu cabelo desenhou	92
6_ anexos	111
7_ referências bibliográficas	122





## Maria do Rosário Imaculada dos Santos

De Imaculada nada tenho — começou a assim a conversa de Maria do Rosário comigo —, mas não me sinto a primeira e nem a última das pecadoras, mesmo porque eu não acredito em pecados — continuou. Esse nome de santa mulher foi invenção do catolicismo exagerado de minha família. Mãe, tias, madrinha e também a minha avó, todas elas, não se contentaram só com o "Maria". E me fizeram carregar o peso dessa feminina santidade em meu nome, finalizada por "Santos" generalizados e não identificáveis. Segundo uma das minhas primas, que recentemente reencontrei, a Terezinha de Jesus dos Santos, filha da minha tia, Rita de Cássia, o meu nome original seria "Maria do Rosário Imaculada das Graças Conceição dos Santos". O padre, menos fiel à fé mariana, foi quem achou exagerado o sentido fervoroso de meu nome e não permitiu. Tenho fé em minha protetora, a "Maria", mulher de fibra, que suportou ser a mãe do Salvador. A ela dou o meu voto, o de crença, não o de castidade... E a outros santos e santas também...

Maria do Rosário Imaculada tinha a fala tão fácil, que até duvidei de que ela tivesse alguma história

para contar, ou melhor, cheguei a pensar que o seu relato não traria novidade alguma. A porta da casa dela sempre aberta, era um sinal visível da receptividade da dona para qualquer pessoa que por ali passasse. Mas resolvi arriscar, o sorriso dela foi tão encantador e respondeu ao meu boa-tarde de uma maneira tão efusiva, que, para quem busca histórias, aquela atitude afiançava o desejo dela de conversar comigo. E quando, embora brincando, revelou o seu descontentamento com o próprio nome, me lembrei da mulher que havia criado um nome para si própria. Tive vontade de contar a história de Natalina Soledad, mas, naquele momento, o meu prazer era o da escuta. Insistindo sempre que de imaculada nada tinha, Maria do Rosário, ainda fazendo troça, pediu licença à outra, a santa, e começou a narração de um pouco de sua vida. Eis:

— Eu era bem menina ainda, tinha uns sete anos no máximo, mas tenho na memória a nitidez da cena. Minha mãe, eu e mais dois irmãos, um pouco maiores, estávamos sentados do lado de fora da casa em que morávamos. Era uma construção pequena, mas abrigava muitos. Meus avós paternos, duas tias solteiras, um tio solteiro, dois meninos filhos desse tio solteiro, que meus avós ajudavam a criar, meus pais, eu e mais dois irmãos. Mais adiante no mesmo terreno, em outras casas também pequenas, moravam mais tios e tias, primos e primas crianças, uma bisavó ma-

terna e mais algumas pessoas, cujo grau de parentesco sanguíneo entre nós eu nunca soube precisar. Todos respondiam pelo sobrenome "Dos Santos" ou "Dos Reis", o que provocava sempre o seguinte comentário jocoso: quem não era do santo, era do rei... Do lado de fora da casa, nós estávamos a olhar o tempo vadio, sem nada para fazer, a não ser conversar os assuntos costumeiros, quando apontou lá na estrada um jipe. Levantamos rápidos e juntos. Era tão raro passar por ali algum automóvel. As outras casas começaram a se movimentar também e, em poucos minutos, a nossa população familiar estava toda eufórica assistindo ao gratuito espetáculo. Um jipe e casal estrangeiro (depois, com o tempo, descobri, eram pessoas do sul do Brasil) em nossas paragens. Pararam em nossa porta, desceram, conversaram conosco e ofereceram aos grandes, caso eles permitissem, um passeio com a criançada. Foi permitido. Os dois iam à frente e a meninada atrás. Deram duas ou três viagens. Na última só faltava eu e um dos meus irmãos, o maior, o Toninho. Subimos contentes e o carro aos poucos foi ganhando distância, distância, distância... Aflita e temerosa, pois começava a escurecer, pedimos ao moço e moça para fazer o caminho de volta. Eles apenas sorriram e continuaram adiante. Depois de muito tempo, noite adentro, eles pararam o jipe, puxaram violentamente o meu irmão, deixando o pobrezinho no meio

da estrada aos gritos e continuaram a viagem comigo, me levando adiante. Nos primeiros dias eu, na minha inocência, divagava entre o temor e a confiança. Nunca tinha escutado sobre casos de roubo de criança. Em casa, não tínhamos medos de perigos reais e sim de imaginários. Mula sem cabeça, lobisomem, almas do outro mundo... Cobras e bichos os grandes matavam. Inimigos homens não tínhamos, nem ouvíamos os grandes comentarem. Desavenças internas do grupo e externas ao clã familiar, para mim, criança pequena ainda, nunca haviam sido transformadas em crimes. Acho que, nos primeiros dias de estrada, acreditei, como meu irmão, nas primeiras horas do passeio, de que nada de mal estivesse realmente ocorrendo. E foi preciso que passassem muitos dias e muitas noites de viagem, nas estradas, para que eu entendesse que a moça e o moço estrangeiros tinham me tomado de meus pais. E, quando alcancei a gravidade da situação, por muito tempo pensei que fosse acontecer comigo, o que, muitas vezes, escutei os mais velhos contar. As histórias de escravidão de minha gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava.

Durante anos, vivi com o casal que me roubou de minha família, em uma casa grande, que parecia uma fazenda. Nos primeiros tempos sofri muito, chorava noite e dia. Choro gritado e choro calado. Um dia, resolvi buscar o caminho de volta, peguei a estrada, ou

melhor, uma das estradas que dava para a casa deles. Caminhei muito até cair extenuada de cansaço e fome. Devo ter desmaiado, pois, quando acordei, estava no quartinho onde eu dormia. Ao meu lado, estava uma cesta com frutas, biscoitos e uma xícara de café com leite. De tempos em tempos, o casal viajava e deixava uma moça, também estrangeira, cuidando de mim. Eles nunca me bateram, mas me tratavam como se eu não existisse. Jamais perguntaram o meu nome, me chamavam de "menina". Um dia, me deram um cachorro e disseram ser um presente de aniversário. E me informaram, ainda, que era o mês de maio, mês de Maria, época que completava um ano da minha chegada à casa deles. No outro ano, fizeram a mesma observação e me deram uns cadernos e lápis, dizendo que a moça amiga deles ia me ensinar a ler. Gostei da novidade, eu havia começado a frequentar a escola, na vilazinha em que eu havia nascido lá no Brasil.

A moça, que me ensinou a ler, me ensinou outras coisas, mas nunca me perguntou nada sobre o tempo antes de eu chegar ali. Eu tinha um desejo enorme de falar de minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude. Para eles, era como se eu tivesse nascido a partir dali. Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente. Mas, com o passar do tempo, com desespero



eu via a minha gente como um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Época houve em que tudo se tornou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembração de vários fatos me dói. Confesso, a minha história é feita mais de inventos do que de verdades...

Aprendi a ler e, como prêmio, ganhei um rádio, que ficava ligado noite e dia. O rádio me ligava ao mundo externo. Foi quando descobri que o casal não era estrangeiro, eu estava no Brasil, bem no sul, quase na Argentina, aí sim, outro país. Contudo, eu estava muito longe de minha terra. Nada podia fazer. Continuei, então, a minha vida, que se resumia no meu quarto e nas brincadeiras com Jesuszinho, o meu cachorro, nome que eu escolhi. Pouco trabalho era o meu. Cuidava de varrer a casa quando a moça não ia, limpava o meu quarto, que pouco sujava. O casal sempre mais ausente do que presente. Cresci sozinha. Das coisas de mulheres, o sangue que perdemos, quando me aconteceu pela primeira vez, da moça que me ensinou a leitura também tive a explicação. — Você agora é uma mulher! — Não entendi. Eu achava que eu já era mulher desde sempre. Tudo se confundiu naquela época, junto ao sangue que me escorria. Pensei em minha mãe, eu ainda sabia, na memória, o jeito do rosto dela. De minha mãe ouvi, várias vezes, ela dizer que tinha uma menina mulher e dois meninos homens.

Agora a moça, por conta do sangue que de mim corria, me dizia que eu já era mulher. Também, naqueles mesmos dias, ouvi o casal falar, para essa tal moça, que eu deveria estar com os meus doze anos e que já fazia sete anos de minha chegada à casa deles. O que o casal não imaginava é que eu também fazia a minha contagem do tempo. Só que os meus termos eram outros. Eu sabia que, ali, eu já tinha feito sete aniversários, longe dos meus. E para mim não se tratava da minha chegada à casa deles e sim da minha impotência diante deles, que haviam me tomado, ou melhor, me roubado de meus pais.

Quando estava completando quase oito anos que eu tinha sido roubada, a moça que trabalhava para esse casal chegou, um dia, me dizendo que tinha uma notícia para mim. A imagem de minha família, ou melhor, o desejo de um encontro com os meus me tomou por inteira. Pensei que o milagre tivesse acontecido. Tendo, com o passar dos anos, aprendido a controlar as minhas emoções, fiz, contudo, silêncio. Eu sabia que ela só me daria a notícia no final da tarde. E, enquanto esperava, me imaginei viajando naquela mesma noite em busca de minha terra. Uma cidadezinha chamada "Flor de Mim". Só uma preocupação me doía, o Jesuszinho. Como eu ia levar o meu cão predileto, que, de tão predileto, era o único que eu tinha. No final da tarde, a notícia me foi dada. Uma bomba estourou sobre mim. O casal havia se separado,



cada um ia seguir para uma cidade diferente. Uma tia deles, não sei se da mulher ou do homem, viria me buscar e me levaria com ela. Como viria de jipe, se eu quisesse, poderia levar comigo o meu cachorro. Tonta pelo efeito da bomba, fui deitar. No outro dia, cedinho, com meus poucos pertences mais o Jesuszinho, fui levada por uma senhora loira e desconhecida, pela segunda vez, por um caminho que eu ignorava onde ia dar. A moça, que com o consentimento do casal me ensinara ler, da porta me acenou, com gesto abreviado, a metade de uma despedida. Chorei para dentro, mais vez. Eu sabia que não estava indo para a minha cidade, Flor de Mim. E estava deixando uma pessoa. Por força de não ter ninguém dos meus por perto, eu tinha me afeiçoado a ela. A moça que trabalhava com o casal e que se chamava Berta Calazans.

Nessa segunda casa, junto à família Souza Pacelli, tive de me adaptar a um estilo, totalmente contrário ao que eu tinha vivido nos anos anteriores. De Flor de Mim, lugarejo de vivência de minha primeira infância, fui para uma cidade chamada Alto dos Vales do Sul, levada pelo casal. Ali, a vida tinha um quê interiorano também. De Vales do Sul fui encaminhada para a Cidade de Frei Cardoso. Lá, encontrei um movimento intenso, assustador. Carros, bondes, bicicletas, vozes altas e desmedidas. Jesuszinho não aguentou, morreu. Eu trabalhava imensamente, aprendi a cozinhar, a passar e a cuidar de crianças. O rádio, que eu levava,

acabou perdendo a função. Recebi ordens para não o ligar, para não gastar luz e não me distrair no trabalho. Aguentei esse inferno durante sete anos e só tinha um objetivo: o de juntar dinheiro e voltar para Flor de Mim. Mas o tempo foi passando. Dali, saí para outra casa e mais casas. Nunca mais soube do casal que me roubou de meus pais. Nunca entendi qual foi a intenção deles.

Às vezes, fico pensando qual teria sido a causa maior da demora do meu regresso. Em dado momento de minha vida, ganhei autonomia, podia ir e vir. Acho que a coragem me faltou. Um temor me perseguia. Será que a cidade Flor de Mim ainda existia? Será que os meus ainda existiam? Será que, se eu chegasse por lá, eles ainda me reconheceriam como sendo uma pessoa da família? O tempo passando e Flor de Mim parecendo murchar em meus desejos.

Namorei, casei, descasei, algumas vezes. Filhos nunca tive, evitei e, as vezes que engravidei, não deixei chegar ao término. Não queria ter família, tinha medo de perder os meus. Muitas águas rolaram e, de muitas, nem a misteriosa nascente eu conhecia. Nunca entendi, por exemplo, como recebi, um dia, o meu registro de nascimento. Tudo certo, constavam os nomes de meus pais. O documento chegou a mando da tal tia, parente do casal, que me roubou de minha família. Tive a impressão de que eu era vigiada, pois tudo se deu muito

tempo depois de eu ter deixado a casa dessa senhora. E, apesar de me sentir, o tempo todo, me movendo sobre um rio de desconhecidas e perigosas águas, continuei nadando, para continuar vivendo. De vez em quando, eu mudava de cidade também. A minha escolha por nova moradia obedecia a um roteiro previamente escolhido. Sempre a procura estava direcionada para as bandas de minha terra natal. Aos poucos, eu ia cumprindo um percurso que me encaminhava à direção de volta. Um dia, aconteceu um fato que provocou um retorno a mim mesma, trinta e cinco anos depois. Foi então que voltei para minha cidade, Flor de Mim, e aqui estou há vinte anos. Veja, moça, como isso se deu:

Na época em que o reencontro aconteceu, eu andava lamentando as desgraças da vida. A lembrança do dia em que fui roubada voltava incessantemente. Às vezes, com todos os detalhes, ora grosseiramente modificado. Na versão modificada, eu-menina era jogada no porão de um navio, pelo casal que tinha me roubado de casa. Além do constante retorno a essa dor, eu estava vivendo o final do meu segundo casamento. Só um motivo me mantinha viva, os meus estudos. Estava concluindo o segundo grau e me preparando para seguir adiante, apesar do desânimo que me acometia algumas vezes. E foi na ambiência dos estudos que surgiu minha salvação, a partir de um ciclo de palestras sobre "Crianças desaparecidas". Quando soube do

evento que ia acontecer, adoeci, perdendo os primeiros dias da jornada. Só no último dia consegui levantar da cama, mesmo assim, tomada por uma sensação de desfalecimento e febre. Uma força maior me comandava, entretanto. A força do desejo dos perdidos em busca do caminho de casa. Fui para escutar, eu não sabia nem dizer da minha perda. Nunca tinha relatado minha história para ninguém. Inventava sempre uma história sobre as minhas origens. Uma espécie de vergonha me consumia. Vergonha e culpa por ter me apartado dos meus. Nesse dia, cheguei ao local da palestra, no momento em que algumas pessoas começaram a contar casos de desaparecimentos, sequestros, sumiços e fugas de crianças. Mais angustiada fui ficando com tudo que ouvia. Parecia que estavam contando a minha história, em cada acontecimento da vida de outras pessoas. Eu não estava suportando mais, o ar me faltava, tinha a sensação de que ia morrer. Foi então que resolvi sair da sala, mas, quando levantei, ouvi uma voz que me pareceu familiar. De chofre, reconheci. Era o tom da voz de minha mãe, a síntese de todos os sons de uma curta infância, junto aos meus. Ri da minha perturbação. O que estaria a minha mãe fazendo ali no colégio? Mais resoluta fiquei na minha determinação de sair. Precisava ir embora. Eu estava fazendo uma brincadeira de mau gosto comigo mesma? E me pus de pé. Lá na frente, o corpo que imita-

va a voz de minha mãe, acintosamente, contava uma história acontecida na família dela. A história de uma irmã, que ela nem conhecera, pois tinha sido roubada, ainda menina e nunca mais a família soubera qualquer notícia. Não consegui sair e, entretanto, não fiquei. Não me assentei também, apesar dos pedidos. Depois, eu soube que soavam à minha volta. Fui ajuntando os pedaços do relato que eu pude escutar, em meio a uma profunda tontura. Porém, não era o relato de minha irmã que havia nascido depois de minha partida forçada que eu ouvia. Não era a fala dela que me prendia. E sim o jipe. Lá estava o jipe ganhando distância, distância, distância... Lá estava o meu irmão chorando no meio da estrada e eu indo, indo, indo... Quando acordei do desmaio, a moça do relato segurava a minha mão; não foi preciso dizer mais nada. A nossa voz irmanada no sofrimento e no real parentesco falou por nós. Reconhecemo-nos. Eu não era mais a desaparecida. E Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre.

*Insubmissas Lágrimas de Mulheres,*  
*p.43-54, Conceição Evaristo*





## na tentativa de apropriar minha história

meus pais se conheceram em um baile de dança que acontecia numa academia da asa norte, em Brasília. ela, aos 40 anos, nascida no rio de janeiro em 1958, residia em Brasília desde os 15 anos, fazia aulas de dança de salão e costumava frequentar os bailes da cidade. ele, aos 44, nascido no espírito santo, morava no rio de janeiro, mas estava de bate-volta em Brasília enquanto trabalhava com uma obra no aeroporto. depois de 4 meses saindo, quando começou a passar muito mal, minha mãe descobriu que estava grávida. ela sabia que meu pai já tinha outra filha, minha irmã Natalia, já mais velha, também carioca, fruto de seu primeiro casamento.

“ele conversou uma vez com sua irmã no telefone, começou a chorar, mas eu não ouvi o que conversaram. deixei ele a vontade lá, na minha casa, para falar com ela”.

pouco antes de descobrir a gravidez de minha mãe, meu pai contou sobre a outra mulher com quem ele se relacionava, que também estava grávida à espera do meu irmão Mateus.

“me lembro que eu tava deitada na cama. era copa, eu e o Valtinho fomos pra academia do Marcelo assistir o jogo. na hora que eu saí do banheiro tinha um degrau, eu passei mal e cai do degrau, ficou todo mundo louco. me levaram pro hospital e chamaram seu pai. ele foi lá em casa e me contou. eu já estava grávida, mas nem ele nem eu sabíamos. quando eu soube que tava grávida resolvi que não ia falar pra ele, cheguei a terminar, mandei ele embora, mas minhas amigas insistiram que tinha que falar, então falei”

enquanto meu pai se refere a relação deles como marcada por atritos e conflitos, minha mãe lembra que tinham uma boa relação mas os atritos partiam dos sumiços dele. quando contou sobre a gravidez, ele recebeu bem a notícia ao mesmo tempo que ficou preocupado, já que não poderia dar assistência com a justificativa de ter outra

família. ele se negou a contribuir financeiramente e diz que minha mãe, de antemão, recusou qualquer ajuda por ser uma mulher independente.

sinto que desde aquele momento fomos colocadas em segundo plano.

“ele era assim- falava eu vou aí, mas não aparecia, não telefonava. aí quando eu sumia ele ficava andando atrás de mim, entendeu? lembro uma vez, que eu não tava grávida ainda, não lembro por qual motivo fiquei com raiva dele. peguei o carro e fui pra pirenópolis. naquela época era deserto dirigir pra lá, mas não tinha filho pra sustentar, fui embora. no dia seguinte saí para passear e quando voltei o dono da pousada disse: nossa, uma pessoa ligou pra você aqui quinhentas vezes já, acho que tá interessada. ele convenceu uma das minhas amigas a falar onde eu estava e ela deu o telefone da pousada.”

minha avó não gostava do meu pai. eu também nunca senti que ela gostasse de mim como gostava dos meus primos. parte por ser uma mulher branca, nascida em 1924, e meu pai um homem negro retinto. e outra parte por ter presenciado vários momentos

que ele não foi um bom companheiro para minha mãe. situações que minha mãe também me narra, mas escolho omitir aqui.

após passar um tempo internada devido à gravidez arriscada, que a deixava indisposta frequentemente, seu médico pediu que fizesse uma ultrassonografia para ver se o tempo que ficou no hospital não teria afetado o bebê. meu pai foi junto. foi quando descobriram que seria uma menina. minha mãe tinha certeza que era um menino, outro médico tinha dito a ela. sua primeira reação foi pensar sobre o dinheiro que gastaria com roupas, sapatos, acessórios, absorventes...

meu pai ficou feliz com a notícia. ele pensava que minha mãe iria abortar. ela diz que, apesar de tudo, ele aceitou bem a gravidez, e deixou que ela decidisse o que queria fazer. mesmo entre brigas, tiveram momentos juntos. percebo que a forma como eles se relacionavam é semelhante à forma que eu consigo me relacionar com ele. nos momentos que não resultam em discussões, meu pai consegue demonstrar seu afeto ajudando em tarefas práticas, indo atrás do que eu preciso (sendo algo do entendimento dele), ou como companhia.



a relação deles piorou quando minha mãe o colocou na justiça para que pagasse uma pensão. minha mãe já tinha 41 anos, um emprego estável e salário fixo. por isso ele acreditava, e ainda acredita, que ela não precisava de uma contribuição.

quando eu nasci ele estava junto, foi registrar o nome que minha mãe escolheu me dar. meu pai tem um nome curto, seu nome e o sobrenome de seu pai que, ao registrá-lo, retirou o sobrenome da mãe. ele sempre conta isso pra mim com rancor. ele não teve um bom exemplo do que é ser um bom pai. não tinha um bom relacionamento com o dele, não recebeu o afeto que um filho precisa. e provavelmente seu pai também não.





minha mãe não avisou quando eu ia nascer. durante o parto ligaram para ele, que foi acompanhar. levou minha mãe para casa e lá ela ficou com minha madrinha Beth.

sou filha única por parte de mãe, nascida em março de 1999. meu irmão Mateus nasceu em 98, no rio de janeiro. as duas mulheres com quem ele se relacionava ficaram grávidas quase ao mesmo tempo. logo depois veio o Gabriel, de 99, em Brasília. minha mãe conta que quando voltavam de uma consulta comigo, ele pediu que ela visse se o teste de gravidez da mulher estava positivo mesmo. ela estava grávida do meu irmão, Gabriel.

“a gente foi em um baile, eu Beth e você, em uma academia na asa sul, próxima de onde a gente morava. chegando, a mulher dele estava lá. eu já tinha ido a essa academia de dança e vi os dois juntos fazendo aula, então sabia quem era ela, mas ela não me conhecia. falei para Beth que ela fazia aula lá, mas não sabia se o seu pai também estaria, e por algum motivo te levei junto. você já tinha uns dois anos. ela estava sozinha e me viu andando com você. na hora que viu a gente de mão dada, chegou, olhou e falou: essa é a



Victória Aragão dos Reis Lima, filha de meu marido? eu respondi sim e questionei como ela sabia. ela respondeu que você era a cara da Natalia, sua irmã, e que soube de você porque encontrou a intimação da pensão. aí ela começou a chorar e ficamos conversando.”

ela queria contar a meu pai que me conheceu, queria me levar para a casa deles. minha mãe permitiu, marcaram um dia e disse que eu iria com a babá, Ana. passei a frequentar a casa com a Ana. ela não gostava deles e do ambiente, mas não dava detalhes. só disse que um dia fui apresentada como a filha bastarda.

em 2001, meu pai foi, com os meus irmãos e a mãe deles, me buscar para um passeio. a Ana estava me arrumando no quarto e iria me acompanhar, mas eles não queriam que ela fosse. minha mãe só permitia que eu saísse de casa com eles se acompanhada da Ana, já que era uma pessoa confiável, enquanto ela não podia ir comigo. ele respondeu que não queria, e já alterado levantou para falar com minha mãe. quem estava por perto interveio para que eles não brigassem. minha mãe então o proibiu de me levar para os lugares, e propôs que se quisesse me levar, pedisse minha guarda em

juízo. nunca aconteceu, já que se ele fosse, teria que pagar a pensão que estava devendo e nunca foi paga. por isso, ficou um bom tempo sem me visitar.

fiquei sem contato com meu pai até conhecer minha irmã, em 2005, com 6 anos. ela já sabia dos meus irmãos, mas só descobriu sobre mim nessa época. achou o número no celular do meu pai e ligou para minha mãe se apresentando. elas marcaram de se conhecer. foi um dia no shopping, minha irmã, sua mãe, minha mãe, vó e eu.







acho que eu nunca me apropriei dessa história, sabe? quase não conto como se fosse minha. talvez por não ter, de fato, vivido ela. talvez porque preciso escutar as versões de quem viveu para construir a minha.  
eu vivo as consequências

e assim é o princípio de como o afeto aparece para mim.



## de cobrinha em cobrinha

escrevo dia primeiro de fevereiro, de 2023  
às 23:40.

minha bateria do celular acabou e não vi o tempo passar, pensei que ainda era 20h

lá para às 18h comecei a subir a segunda parte da casa de cerâmica, que será dividida em três.

a base está pronta, só secando

na pressa para limpar minha mesa de trabalho e a sujeira ao redor, sem atenção, arrastei o mdf que uso, que bateu na base já pronta e trincou. trincou de cima a baixo. nisso comecei uma tentativa um pouco desesperada de salvar a peça, pedindo por favor - a alguém por aí, para que desse certo.

numa briga na minha cabeça de quem chorava e tinha raiva pelo descuido, mas tentava perceber o que estava acontecendo - minha relação com a cerâmica e tudo que tem de afeto nisso.

não sou muito delicada, nunca fui. sou desastrada, tudo cai da minha mão. como minha mãe diz sempre, em tom de brincadeira, nem entende como consigo assim fazer arte. sou bastante impaciente.

gosto de ter resultados rápidos, de ver pronto logo, mas não deixo de ser exigente.

então, pergunto, o que fui caçar na cerâmica?

mexer com cerâmica é lidar com frustrações. é frágil, depende de cuidado, calma e paciência no fazer. e ainda sim pode tudo dar errado. o resultado de uma esmaltação pode ficar diferente do que planejou; sua peça pode trincar antes ou durante uma queima; pode cair ou quebrar no transporte; precisa ficar de olho sempre ou a argila seca; pode empenar ou ficar fina demais. imaginar um resultado é sempre muito diferente de colocar na prática, e a prática pode te obrigar a mudar completamente o



caminho. além disso é um trabalho lento, depende de muitas etapas e não adianta querer correr, ela não vai te acompanhar se não quiser.

penso que ela nos ensina um pouco sobre como se relacionar com o outro.

tentei consertar meu erro, coloquei mais argila, molhei, tentei juntar o que foi separado. tentei mesmo. se minhas tentativas vão funcionar eu vou só saber daqui um tempo. depois de terminar a casa inteira, finalizar, desenhar, transportar até um forno e depois, buscar. nesse meio tempo outro acidente pode acontecer ou alguma rachadura aparecer. eu espero que não, mas, se sim, aprendo a lidar com a frustração de uma relação que, mesmo com muito cuidado, não deu certo. ou deu, né? posso queimar a peça e o trincado continuar lá, e por isso pensar uma nova forma para lidar com aquele cenário. minhas tentativas de consertar o erro podem ter resultado e, depois da queima, ficar tudo em perfeito estado.

é imprevisível

já escutei que se não estava em um dia bom, era melhor não fazer cerâmica. talvez se eu tivesse lembrado do recado...

é a primeira vez que consigo escrever aqui.



fazendo cerâmica encontro tudo que por muito tempo pensei que não fosse pra mim. o cuidado, a paciência, a reciprocidade e sempre esbarrar com o que complica exigir que tudo saia sempre perfeito - se permitir errar.

não sou muito paciente com meus processos. nem muito justa com os resultados. desde sempre julgo meu próprio desempenho. foi assim na escola, é assim na faculdade e no trabalho. pelo perfeccionismo, pra fugir da rejeição, pra me provar pra quem tá por perto, ou pelo racismo que faz necessário e exige de mim sempre o dobro do esforço.

tentei desenvolver a ideia deste trabalho em diferentes disciplinas durante os últimos semestres, até que cheguei no que seria o último, e pude apresentar para César<sup>1</sup>. no caminho passei por situações que me fizeram questionar minhas habilidades e motivações.

<sup>1</sup>César Becker: escultor e professor doutor na Universidade de Brasília, também orientador deste trabalho.





é possível falar de nós com carinho? o que eu quero falar chega em quem vai me entender? ou só pra quem não quer me escutar? e tem como ser suficiente para quem não quer me entender?

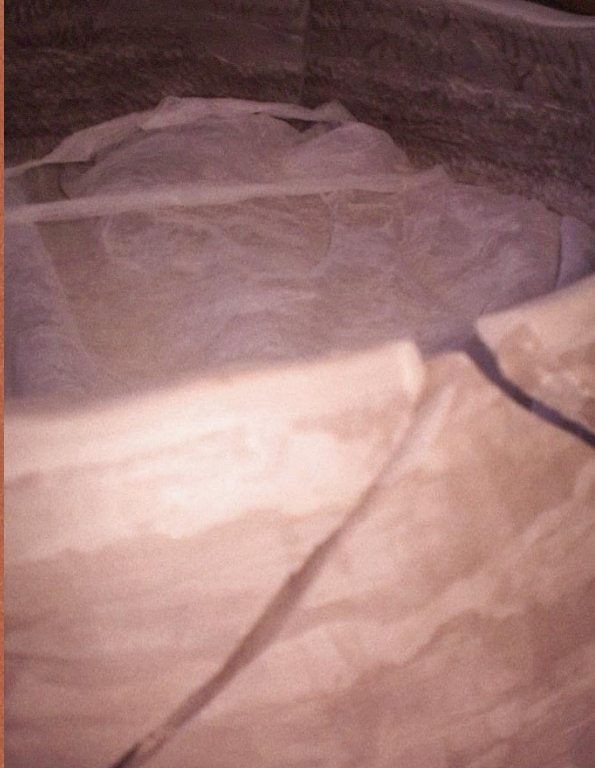
as violências veladas cumprem muito bem com o papel de nos colocar em dúvida. duvidar de tudo, todos e do nosso entendimento. esbarrei nesse sentimento no dia que comecei esse projeto e sigo esbarrando.

afeto também é a disponibilidade na escuta, por mais que não exista identificação. César por muitas vezes me resgatou, e agradeço por isso.

sabe a base trincada, do dia primeiro de fevereiro? demorei pra conseguir voltar para terminar as outras partes da casa. pensei em diferentes formas de lidar com o erro, consegui desapegar daquilo que já não tinha dado certo e ir atrás do que ainda dava para resolver.

o trincado da base partiu a peça em quatro pedaços. no transporte para a queima partiu em mais um. agora cinco pedaços.

achei uma engraçada coincidência já  
que cinco pessoas modelaram ela.







o meio eu já tinha começado, então resolvi terminar. fui lá, queimei, esmaltei, mas não ficou do meu agrado.

mudei minha ideia tantas vezes, mas de nenhum jeito eu sentia que o trabalho estava completo. quase sempre eu resolvo contrariar um pouco como se faz cerâmica e tenho decisões em tempo curto, sem teste e na pressa.

ainda estou aprendendo como devo me relacionar com ela.

insatisfeita com o resultado, comecei a pensar no que eu poderia fazer para substituir aquela casa que eu tentei construir.

resgatei uma ideia antiga, na época queria uma pequena casa de bonecas para contar histórias de amor.

CERÂMICA Dileto

maio ceme

- movimento
- circular
- tamanho médio



vista de cima

em bone



Aberta em cima  
 Pontualidade de  
 "telhado" que tira e  
 coloca

telhado

marcas de dedo  
técnica pinching



Referências: bioconstituição

aldeia Tchébé  
circular

África ocidental / Burkina Faso

Gouroussi

terra, madeira e palha

ou como uma alceia  
de raso de apeto



tópicos escritos:

- como coletividade
  - como território
  - como algo circular
  - como ancestralidade
- que é íntimo → aparência de intimidade
- vital para a sobrevivência humana → <sup>x</sup> pontualidade no amor  
essencial vital
- ← a medida que as pessoas se aproximam e criam laços, elas aumentam as condições de se manterem em um mundo objetivo de desafios e possibilidades

AMAR É CONTAR HISTÓRIAS

isso nos ensinam

o voz, o olhar, o cheiro, o toque e o gosto

meus gostos me aproximam com frequência das narrativas que sempre nos afastaram.

na minha infância e adolescência adorava assistir os clichês de comédia romântica. sonhava com aqueles que contavam com uma virada estética da protagonista, antes rejeitada e vista como feia. queria que acontecesse comigo.

entendo que este interesse partia de uma identificação pessoal, de uma menina negra, presente em um ambiente predominante branco, ansiando por uma virada de realidade, em se ver e ser vista como uma pessoa passível de viver o amor, dar e receber afeto, não só no sentido romântico.

e talvez por isso, hoje, eu queira tanto falar de amor.

quero contar de afetos para deixar de acreditar que os atravessamentos raciais e de sexualidade me afastam de viver o amor.

dentro de uma casa guardo tudo que é meu, mas também um pouquinho de todo mundo. de quem me gerou, de quem me cuidou, de quem me viu crescer, de quem me amou, de quem me ajudou, de quem não entendeu.

busquei um espaço para dizer, e ao mesmo tempo deixar guardado. casa é lugar de guardar histórias, onde é preciso entrar para acessar tudo que tem, mas não se entra sem convite, sem permissão.





podemos entender a pessoa que amamos como uma estrangeira, assim como nós o somos para quem nos ama, de modo que um relacionamento amoroso não é uma experiência entre conterrâneos, mas sim entre estrangeiros. Assim, a relação amorosa pode ser vista como um convite à hospitalidade.

Nós precisamos estar abertos e dispostos a hospedar a outra pessoa. Ela nunca será totalmente compatível conosco, uma vez que é outro ser humano. Por isso, as vontades podem estar em momentos diversos. O que precisamos é ter uma abertura existencial para receber a pessoa que amamos, isto é, assumir que somos diferentes e que a arte do encontro é um esforço que precisa de uma espécie de tradução. O estrangeiro fala outra língua, a pessoa amada tem sua própria gramática. Um bom anfitrião não é aquele que somente apresenta, ou, pior, impõe a sua culinária e os seus costumes, mas aquele que aprende a fazer os pratos favoritos do hóspede e está disposto a aprender cada vez mais sobre sua cultura e seus costumes.

Em resumo, o ato de amar é um acolhimento, gesto que deve ser tomado por ambas as partes – eis onde mora o desafio. A ética do amor admite que

*Por que amamos, pg. 195,  
Renato Nogueira*

recorri muito à Nivia<sup>2</sup> para conseguir terminar as minhas peças. Nivia é uma ceramista que conheci em 2021, quando procurava cursos e fornos para queimar a argila. nos últimos meses fiz o caminho de ida e volta do seu ateliê algumas vezes. fui sozinha, com minha mãe, com João, com Isabela. já sei de cor. depois de uma tarde de muita conversa, esmaltando em seu ateliê, pude falar um pouco sobre meu trabalho e a universidade.

afeto também é disponibilidade, escuta e identificação. como quem se identifica, Nivia sempre esteve disponível, e agradeço por isso.

no fim de tudo, enquanto lidava com mais um imprevisto no processo, ela me disse:

“mas a cerâmica é isso, Victória. mesmo com um outro resultado bom, precisou trincar uma peça para você chegar em um formato final que realmente gostasse.”

<sup>2</sup>Nivia Pimenta: ceramista residente em Brasília, trabalha com joias, decorativos e utilitários.

um professor de cerâmica sempre dizia que a argila tem memória.

a gente bem consegue perceber na hora de fazer uma placa. o objetivo é achatar e esticar a argila até chegar em uma forma reta de espessura uniforme, mas que se não é feito com os materiais e da forma apropriada, empena. eu não tenho a estrutura e material correto.

enquanto fazia o telhado da casa e as capas destes cadernos, percebia exatamente o que era guardado na memória.

a argila guarda na memória todos os lugares por onde passou até chegar na cerâmica

é construção de tudo que já foi.

ela parece um pouco com a gente né.





## quero circular por aí

“O saber de vocês é sintético, o nosso é orgânico. Vocês pensam de forma linear, por isso chegam ao limite. Nós pensamos de forma circular, por isso a nossa vida não tem limite. A roda é começo, meio, começo; ela não tem fim. A capoeira é circular. O samba, o batuque, até meu cabelo quando cresce é circular.”

**Nego Bispo**

quem me apresentou Nego Bispo foi minha amiga Maria. ela é quem eu geralmente procuro para conversar e mostrar o que estou produzindo.

lembro que a gente estava sentada no banco próximo ao ateliê de pintura no departamento de artes visuais. eu tinha acabado de apresentar minha produção final do semestre, e ela tinha ido assistir. pintei uma tela toda de terra, açafião, colorau e carvão.

conversa vai, conversa vem, falava sobre como me interessava por formas circulares...sobre como o quadrado, retângulo, ou qualquer forma que tivesse uma

ponta parecia não fazer muito sentido pra mim e pro que eu queria dizer, do mesmo jeito que desenhar em uma folha branca, sem cor.

o que é circular não tem fim e sempre tá em movimento. rodando. girando. dando volta.





ela então me indicou um texto de Nego Bispo e suas falas sobre a circularidade.

“E aí foi onde eles começaram a perder. Porque eles só têm um deus e ainda dividiram com a gente. E nós temos vários. Como eles só têm um deus, eles só olham numa direção. Então o olhar deles é vertical, é linear, não faz curva. Assim é o pensar e o fazer deles. Como nós temos várias divindades, conseguimos olhar e ver a nossa divindade em todos os cantos. Vemos de forma circular, pensamos e agimos de forma circular e, para nós, não existe fim, sempre demos um jeito de recomeçar. Nosso pensamento é um pensamento que nos permite dimensionar melhor as coisas, os movimentos e os espaços. Nos espaços circulares cabe muito mais do que nos espaços retangulares. E isso nos permite conviver bem com a diversidade e nos permite sempre achar que o outro é importante, que a outra é importante. A gente sempre compreende a necessidade de existirem as outras pessoas.”

(SANTOS, 2018, p.3)

aprendi a ser coletivo e pensar coletivo na universidade, onde conheci a maioria dos meus amigos negros. não só amigos, aliás. aqueles também que esbarram uma vez ou outra, que se juntam para fazer um trabalho com o objetivo de ocupar um espaço que precisa de mais como nós, que mesmo tendo o mínimo de proximidade você escuta ou faz um desabafo sobre como o racismo tem ressoado, aqueles que se tem uma identificação imediata, sem qualquer outro motivo aparente.

aprendi com todos esses  
que viver sozinho, resolver tudo sozinho é coisa pra branco.  
a cerâmica é um saber coletivo,  
assim como o trançado.  
faço casa no coletivo.  
e o que se faz no coletivo se faz na oralidade.  
com quem tem muito pra dizer  
nos movimentamos pelo, por e para o coletivo





Nego Bispo faz um comparativo entre as organizações de povos cristãos monoteístas e dos povos pagãos politeístas, com relação a religiosidade, trabalho e manifestações culturais e suas diferentes formas de ver a vida.

“As manifestações culturais dos povos eurocristãos monoteístas geralmente são organizadas em uma estrutura vertical com regras estaticamente pré-definidas, número limitado de participantes classificados por sexo, faixa etária, grau de habilidade, divididos em times e/ou equipes, segmentadas do coletivo para o indivíduo (onde o talento individual costuma ser mais valorizado que o trabalho em equipe) e em permanente estado de competitividade. As competições são praticadas em espaços delimitados e arbitradas por um juiz, aos olhos de torcedores e simpatizantes que devem participar com vaias e/ou aplausos.

As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juízes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades. As pessoas que assistem, ao invés de torcerem, podem participar das mais diversas maneiras e no final a manifestação é a



grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade).

Observando o conteúdo organizativo e os regramentos que governam essas diferentes modalidades, logo podemos perceber que as manifestações de matriz eurocristã monoteísta trabalham o coletivo de forma segmentada e as manifestações afro-pindorâmicas politeístas trabalham o indivíduo de forma integrada. Um exemplo ilustrativo é a diferença entre o futebol (criados pelos ingleses, um povo de cosmovisão monoteísta) e a capoeira (criada pelos povos afro-pindorâmicos, de cosmovisão politeísta). O jogo de futebol é regido por regras estáticas e pré-definidas, onde vinte e duas pessoas jogam, uma pessoa julga e milhares de pessoas assistem. Pode ocorrer que entre as pessoas que assistem exista alguém que jogue melhor que uma das vinte e duas pessoas que estão jogando. Mesmo assim, dificilmente esse alguém poderá entrar no jogo. Numa roda de capoeira, regida pelos ensinamentos de vida, podemos ter cinquenta pessoas jogando, uma pessoa ensinando e pouquíssimas assistindo. Entre as poucas pessoas que assistem pode haver alguma que nunca viu a capoeira. No entanto, se esta quiser, ela pode entrar na roda e jogar. Uma pessoa de qualquer sexo e de qualquer idade que não conheça nenhuma das duas modalidades tem muito mais probabilidade de ser convidada para entrar numa roda de capoeira que

num jogo de futebol. Essa lógica excludente do futebol e inclusiva da capoeira estão presentes no dia a dia e fazem parte do processo organizativo da coletividade. Eis a importância das cosmovisões na organização das sociedades.”

(SANTOS, 2015, p.41)

pode ser contraditório, mas minha maior dificuldade em falar sobre amor e o coletivo, é lidar com a frustração de me sentir só. o sistema colonial se movimenta para formar uma sociedade individualista e competitiva. para sobreviver é preciso trabalhar e ganhar dinheiro. trabalhar até que nossos afetos fiquem em segundo plano, ou nossas necessidades e frustrações sejam despejadas em apenas uma única pessoa, com quem a gente escolhe dividir a vida.

aqueles que não foram colonizados organizam-se socialmente a partir do que se faz no coletivo.

esclarece ainda mais essa perspectiva. Segundo ele, se um indivíduo faz parte de um coletivo, suas escolhas não podem ser meramente individuais. Assim, num contexto africano tradicional, nenhuma decisão pode ser tomada pensando apenas no que nos agrada. Uma ação possui sempre uma dimensão coletiva, política e espiritual. E o amor não foge a essa regra.

Outro pensador que corrobora essa ideia de que relação amorosa diz respeito também à comunidade é Carlos Moore,<sup>5</sup> cientista social cubano-jamaicano. Moore chama a atenção para o fato de que, se uma pessoa vive sozinha, todo o seu repertório, toda a sua sabedoria morre com ela. Nesse sentido, ninguém pode ser sozinho, de modo que as uniões amorosas tornam-se fundamentais para que as pessoas aprendam umas com as outras. É por meio desse aprendizado que elas terão acesso, por exemplo, ao que é necessário para conquistar o bem-estar e levar uma vida proveitosa para si e para a sociedade.

<sup>5</sup> MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

Por que amamos, cap.4,  
Renato Nogueira

temos e precisamos dos nossos processos individuais, mas nada se constrói sozinho. estar em um meio branco sempre me fez acreditar que preciso cuidar de mim sozinha. com o tempo aprendo que tenho pessoas comigo.

é difícil falar de coletivo quando o sistema preza a individualidade.

mas este pode ser sempre um lembrete de que não precisa ser assim.





em janeiro de 2023, decidi começar a produção da obra pelo vídeo, pensando para o que foi, depois, junto às tranças e cerâmica, fazer parte da exposição coletiva Pedra Abstrata, com curadoria de César, na Casa da Cultura da América Latina (CAL). imaginei, de início, uma cena vista de cima, com várias mãos, organizadas em círculo, construindo a base da casa de argila. casa que também seria construída por formas circulares, em cobrinha<sup>3</sup>.

penso primeiro na ação. do corpo que sempre se movimenta junto da argila sendo moldada; para fazer cerâmica o corpo todo trabalha junto.

depois, na ação das mãos. ao trançar fios de barbante soltos e embaralhados, em um movimento não tão sincronizado, já que é quase impossível organizá-los sozinha. como são longos, eles se embolam com muita facilidade.

<sup>3</sup>cobrinha: técnica de modelagem manual na cerâmica, que possibilita a construção de diferentes formas.

separei em duas duplas

uma segura e a outra trança. a quinta ajuda a desembolar as linhas que se atrapalhavam.

eu e Thay trançamos, Lui e Gab seguraram e Maria desembolou.

durante este processo, Maria mencionou ter se identificado com a função. Gab e Thay compartilharam. percebemos como, mesmo sem intenção, os papéis designados para cada um se encaixaram com as dinâmicas das nossas relações entre si e com os outros.





a maioria das minhas amigas já passou pela graduação.

quando pensei sobre o vídeo, tivemos uma conversa para explicar o que eu queria fazer, e para saber se estariam disponíveis para participar. estávamos sentadas na sala de casa da Thay.

pouco tempo atrás Maria passou pela sua banca, e com as sensações e lembranças ainda muito vivas, começou a me aconselhar:

“acho que o tcc, antes de qualquer coisa tem que ser sobre amor, sobre o que você acredita. mas também, é ver como um produto daquela fase da sua vida. como uma oportunidade, dedicação de tempo pra construir algo. é a materialização do que você tá pensando naquele momento, mas a gente nunca vai conseguir materializar tudo {...} quando eu falo que você vai esquecer é porque são muitas coisas que a gente aprende com o processo. talvez você não lembre do que a gente tá falando agora, mas talvez no processo você pense\_nossa acho que é sobre isso que elas tavam falando. todo tcc é lindo, eu acho, ainda mais quando vc faz algo que acredita. vale a pena.

agora eu tô mandando meu tcc para as pessoas. é massa os retornos também. é muito gostoso ver como chega.

antes de qualquer coisa eu tinha uma preocupação que era \_eu tô na academia, mas eu odeio isso, quero mudar isso\_ tanto que todo mundo no meu tcc é preto. eu lembro que fiquei muito insegura porque eu tô falando de um saber que não é acadêmico, eu tô falando de ciência de gente do mato. a metodologia da minha orientadora é “pé na lama e mão na água”, porque tudo que ela traz no trabalho dela ela aprendeu com o pé na lama e mão na água. a mãe dela que é marisqueira, ela, os parentes, foi assim que ela aprendeu. e é assim que ela conversa com a gente.

eu to falando de quilombo, de mulher preta, de planta, de chá. eu fiquei muito insegura, por causa da validação científica. apesar de ter escrito academicamente, apesar de ler sobre, não é sobre isso que eu tô falando. então gera inseguranças. por isso eu falo que é importante a gente saber pra quem é o trabalho, porque é importante pra você. em algum momento a gente vai ter que se encaixar pra ter um título, certificado, mas não se prende a isso. vai dar certo, as coisas estão mudando. {...} pra ler os trabalhos todos,

de nós quatro, é uma outra sensibilidade, tem que entender todo contexto. não é um trabalho que eu entrei na academia, escrevi e fui embora. ele tem uma trajetória, e não é da gente. vem dos nossos ancestrais, de tudo que aconteceu na vida, e é materializado naquilo. acho que esse que é o bonito. é por isso que eu sou fã de vocês, das minhas amigas. não é o trabalho pelo trabalho, e não que precise ter significado sempre também, mas é sobre as motivações pessoais.”

quem me apresentou **Nego Bispo** foi **Maria**, quem me apresentou **Conceição Evaristo** foi **Thayne**, quem me deu o livro “Tudo sobre o amor: Novas Perspectivas” de **bell hooks** foi **Gab**, e quem me deu o livro “Por que amamos: O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor” de **Renato Nogueira** foi **Lui**.

afeto também é compartilhar. compartilhar histórias, conhecimentos, experiências. compartilhar é contracolonizar. vocês me inspiram, e agradeço por isso.





## tem lugar pro não-lugar?

sempre senti uma cobrança de ser boa em tudo que faço. ter notas boas e não vacilar. mas não só pela cobrança, eu gostava de estudar. como uma criança de classe média, estudei em colégio particular e convivia com muitas crianças brancas. pelos lugares que passei lidei com diferentes tipos de pessoas e vivenciei diferentes dinâmicas raciais. me lembro mais das que já tinha idade para perceber e guardar. as outras ficam por conta da memória de quem estava por perto.

minha mãe trabalhava em tempo integral e era quem podia cuidar de mim, então, o primeiro colégio que estudei teria que me acolher durante o dia inteiro, e ser perto de casa. neste, durante o processo de alfabetização, ao final de cada fase, os alunos comemoravam em sala com bolos, salgadinhos ou pizza. no momento de completar um dos ditados \_ talvez o primeiro deles, eu avancei meus colegas. a professora foi conversar com minha mãe que eu estava muito adiantada e isso era um problema para os pais dos outros alunos, que estavam ficando ansiosos com minha posição à frente

das outras crianças. eu iria acabar os ditados no meio do ano, quando o certo seria terminá-los no final. por isso, escolheram me atrasar. um tempo depois, uma menina branca conseguiu finalizar o ditado, e foi a primeira a levar a comemoração. e eu, fiquei pra trás.

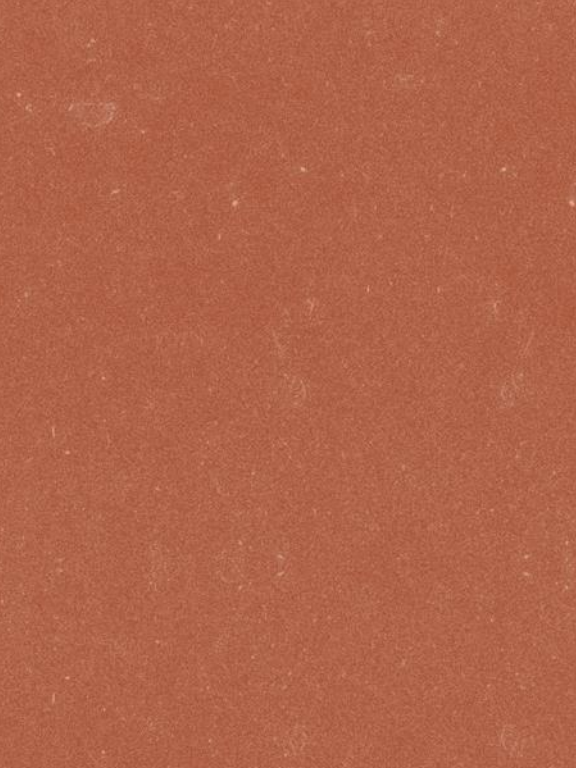
minha mãe me conta essa história, eu não me lembro. quando pergunto a ela o porquê acredita que deixaram a menina passar na frente, para que só assim eu pudesse terminar, ela não sabe muito bem dizer.

Vera era uma prima nossa, que trabalhou como psicóloga. ela faleceu em 2022, com 74 anos. essa história é uma das poucas situações que minha mãe se recorda, pois quando contou para Vera, ela logo disse que a motivação teria sido racismo. mas não houve interesse por parte da minha mãe se informar, e nem que ela lembre, uma contextualização por parte da Vera.

me interessa saber tudo que ficou guardado em outras memórias, que não a minha, e me falta como história. mas como resgatar?

como resgato minha história se o que eu quero saber, para quem estava comigo não foi importante guardar.













para escrever aqui revisei esta situação em uma conversa com minha mãe. pela primeira vez passou por mim questionar se ela não estranhou quando escutou de Vera que era racismo. ela disse prontamente, que não achou estranho por eu ser negra. reforcei a pergunta, quis saber se desde criança, eu era vista como negra pela minha família. ela disse que sim, sempre me enxergou como uma criança negra, e brincou que até porque eu tinha a pele mais escura. comentou que, não à toa, acreditavam sempre que eu era filha da Ana, que também cuidava de mim e era uma mulher negra, com o tom de pele um pouco mais escuro que o meu.

me surpreendi em escutar da minha mãe, como alguém que sempre se viu em um não-lugar, que sempre fui lida como uma criança negra. como fui criada por pessoas brancas e não tenho a pele escura, nunca me vi ou fui vista como branca, mas também nunca fui diretamente introduzida a temáticas raciais para me entender como negra, mesmo que diante do racismo. mas me via nos que se pareciam comigo.

em 2015, com 16 anos, me aproximei dos assuntos de forma mais política. na verdade, eles meio que chegaram até mim, quando consumia muita coisa pela internet.

minha irmã também me introduziu ao assunto encaminhando alguns textos de discussões que ela, mais velha, e com uma experiência diferente da minha, já tinha acesso. a partir dali tudo fez mais sentido.

é estranho conseguir nomear um sentimento só depois de muito tempo que ele existe. e desde então eu tô nesse processo.

na tentativa de tornar o não-lugar um lugar que eu possa me identificar dentro de todas duvidas do que quase é.

cultivo o quase lá, o quase sou, o meio termo, o que é e não é.

o não-lugar como um lugar de construção daquilo que posso ser.

em um episódio de seu podcast Mano a Mano (2021), Mano Brown fala sobre o pardo ser filho da escravidão. o retinto encontra suas referências como rei, antes de tudo que te desumanizou. já o mulato/pardo nasce escravo. sem referência do que é poder ser. nasce da violência. do abuso. como se transformar numa história de afeto?

nasci fruto de uma relação interracial e disfuncional. as violências que sofro e sou passível de sofrer são invisibilizadas no ambiente que consigo encontrar afeto. já onde consigo me ver e reconhecer, entender de onde eu vim, não encontro afeto. me vejo na necessidade de me reconhecer nos meus. na necessidade de algo que a pessoa que me gerou, mesmo que com muito afeto, não é capaz de me dar. o não-lugar daqueles que são fruto de relações raciais e cada vez mais aproximam-se de ambientes excludentes.

reflito sobre todas as vezes que, mesmo inconsciente, minha identidade esteve presente no coletivo. de quando não era tão comum ver alguém de cabelo cacheado ou crespo, e comecei a usar o cabelo com mais volume. andava por aí e se via alguém com o cabelo como o meu, o sorriso de canto e cumprimento com a cabeça era

recíproco. lembro daqueles que me aproximei na época da escola, de forma muito natural, mesmo com disparidade de idades. quando sem nem entender o porquê, a identificação fazia a aproximação. lembro de vários amigos que fiz assim.

afeto é memória, é conseguir abraçar quem você é, e poder se conectar com quem veio antes de você. alguns afetos não consigo acessar da forma que eu queria.







“Transfluência demorou um pouco mais porque tive que observar o movimento das águas pelo céu. Para entender como um rio que está no Brasil conflui com um rio que está na África eu demorei muito tempo. E percebi que ele faz isso pela chuva, pelas nuvens. Pelos rios do céu. Então, se é possível que as águas doces que estão no Brasil cheguem à África pelo céu, também pelo céu a sabedoria do nosso povo pode chegar até nós no Brasil.

É por isso que, mesmo tentando tirar nossa língua, nossos modos, não tiraram a nossa relação com o cosmo. Não tiraram a nossa sabedoria. É por isso que nós conseguimos nos reeditar de forma sábia, sem agredir os verdadeiros donos desse território que são os irmãos indígenas. Nós tivemos essa capacidade porque os nossos mais velhos que estavam em África, apesar de sermos proibidos de voltar para lá, vieram pela cosmologia. Isso é o que nós chamamos de transfluência”

(SANTOS, 2018, p.7)







## CABELOS

Cabelo de branca é liso

Cabelo de branca balança

Cabelo de branca escova

Cabelo de branca faz prancha

Cabelo de branca é bonito

Mas não enrola nem segura trança

Cabelo de nega alisa

Cabelo de nega balança

Cabelo de nega enrola

Cabelo de nega entrança

Por que essa nega é façoila?

Porque seu cabelo entrança e enrola

A branca sambando rebola

A nega sambando faz ginga

A branca rezando é devota

A nega rezando faz mandinga

A branca escrevendo explica

A nega falando ensina

Eu vi essa branca no shopping

Eu vi essa nega na feira

A branca olhando é charmosa

A nega olhando faceira

Da branca eu sinto saudades

Da nega eu sinto banzeira



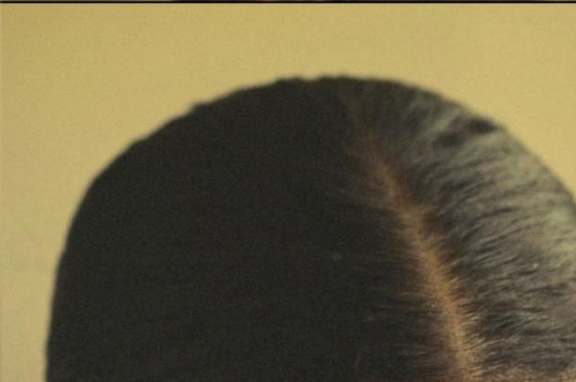




## de todos os dias que meu cabelo desenhou

minha geração cresceu em um ambiente que sempre colocou pessoas muito distantes de quem somos em um patamar muito alto e inalcançável de beleza. em um ambiente que tirava sarro das nossas características, que não nos dava referência de como nos cuidar e olhar com mais amor. mas que no meio do caminho, durante a adolescência/maioridade, esbarrou com a mudança de tratamento e recebeu outro tipo de olhar. fomos crianças sem autoestima e nos tornamos jovens adultos que se conhecem e reconhecem.

quando penso na minha infância, adolescência, na época de escola, consigo ter momentos nostálgicos, mas não consigo sentir falta ou vontade de voltar. minha autoestima hoje é muito boa para querer voltar a um lugar rodeado por inseguranças e medo daquilo que é imutável, faz parte de mim. vivíamos da expectativa do outro do que poderíamos nos tornar a partir das referências que existiam dos nossos corpos.





e mesmo assim, sinto que às vezes a gente esquece que ainda vive as consequências dessa mudança de tratamento, sabe?



thay  
simm, acho q eh mt isso assim, da desenvoltura em...  
e tipo 16:25 ✓

isso eh mto recente sabe 16:25 ✓

eu tava conversando com a maria 16:25 ✓

acho q só agr 16:25 ✓

em 2022 2023 16:25 ✓

ey tenho me sentido realmente 16:25 ✓

com autoestima 16:25 ✓

pra tomar essa posição 16:25 ✓

acho que são processos 16:25 ✓

que fazem parte da nossa vivência de neguinhas !!!!  
16:25 ✓

e que tem muitos altos e baixos tb 16:25 ✓

que dependem do ambiente que a gente tá por  
exemplo 16:26 ✓

das pessoas que estão em volta 16:26 ✓

e etc etc 16:26 ✓

eai acho que eh importante por ex 16:26 ✓

que as pessoas a sua volta 16:26 ✓

entendam e saibam que isso eh uma insegura  
que te bate sabe 16:26 ✓

até pra ter cuidado pra não alimentar isso de  
alguma forma 16:26 ✓

pq as vezes tb 16:28 ✓

branquinhos acham que essas inseguranças se  
resumem a algumas coisas assim 16:28 ✓

basicas 16:28 ✓

e nao sabem mesmo 16:28 ✓

até que lugar elas podem ir 16:28 ✓

padrão do padrao 16:28 ✓

e acho que isso eh uma parada que acaba  
acontecendo pq junta com o fato de vc tá num  
relacionamento com uma mulher tb 16:29 ✓

e a gente se compara, não tem jeito 16:29 ✓

e as vezes nem deve passar pela cabeça dela por  
exemplo que isso eh uma insegurança pra vc  
16:29 ✓

assim como em outros ciclos 16:30 ✓

acho que a gente cria uma casca de autoestima  
mto grande assim 16:30 ✓

a gente negrinhos 16:30 ✓

uma pose 16:30 ✓

pra se autoafirmar mesmo por sempre ter  
rebaixado nesse quesito 16:30 ✓

acho que a gente cria uma casca de autoestima  
mtto grande assim 16:30 ✓✓

a gente negrinhos 16:30 ✓✓

uma pose 16:30 ✓✓

pra se autoafirmar mesmo por sempre ter sido  
rebaixado nesse quesito 16:30 ✓✓

e aí as pessoas acham que a gente realmente se  
sente assim 100% do tempo 16:30 ✓✓

não pensam que tipo 16:30 ✓✓

também eh uma construção 16:30 ✓✓

até pq até a adolescência 16:31 ✓✓

até acabar a escola po 16:31 ✓✓

e olhe lá, pq mesmo assim isso continua 16:31 ✓✓

em outros ambientes 16:31 ✓✓

victoria reis  
até acabar a escola po  
a gente era rejeitado mesmo 16:31 ✓✓

veí ce ta me fazendo chorar no trabalho 16:31

q odio 16:31

e isso tem pouquíssimo tempo 16:31 ✓✓

KKKKKKKKK 16:31

kkkkkkkkk 16:31 ✓✓

thaaaaay 16:31 ✓✓

continua falando por favor 16:31

to achando lindo 16:32

! 16:32

victoria reis  
e isso tem pouquíssimo tempo  
que "mudou" 16:32 ✓✓

vc me ensina tanto 16:32

! 16:32

to lendo tudo 16:32

[Redacted] 16:32 ✓✓

kkkkkkkkkkkkk 16:32 ✓✓

e isso não muda na nossa cabeça de uma hora pra  
outra 16:32 ✓✓

até pq a gente vive nessa bolha 16:32 ✓✓

victoria reis  
e aí as pessoas acham que a gente realmente se sen...  
bei isso eh mt verdade 16:32

de que todo mundo acha a gente lindo e tudo

16:32 ✓✓

de que todo mundo acha a gente lindo e tudo mais 16:32 ✓

mas na prática po 16:32 ✓

bota nois numa festinha de Paty por exemplo 16:33 ✓

quem fica pra trás? 16:33 ✓

não eh pq na nossa bolha isso nao acontece que no mundo todo isso eh assim kkkkkk 16:33 ✓

acho que isso sabe 16:33 ✓

estar em um relacionamento com uma pessoa branca 16:33 ✓

eh infelizmente resgatar em vários momentos esses vários sentimentos que pessoas brancas nos geraram por tanto tempo 16:34 ✓

e continuam gerando 16:34 ✓

e o fato da gente ter construído uma autoestima nao significa que isso tá lá com a gente o tempo inteiro 16:35 ✓

nao se muda assim uma coisa que acompanha a gente desde criança 16:36 ✓

não fomos ensinados a ter essa autoestima 16:36 ✓

eh trabalho constante 16:36 ✓

tal IIII  
e por mais que os outros repitam isso 16:36 ✓

enfim 16:36 ✓



16:37

intenso 16:37

eu concordo amiga 16:37

obrigafa por resgatar essas coisas pq acho q as vezes fica tao automatico q so esquevo algumas questoes centrais assim 16:37

amanha vou falar algumas coisas desse papo tb 16:37

p ela ter cuidado 16:37

enfim 16:37

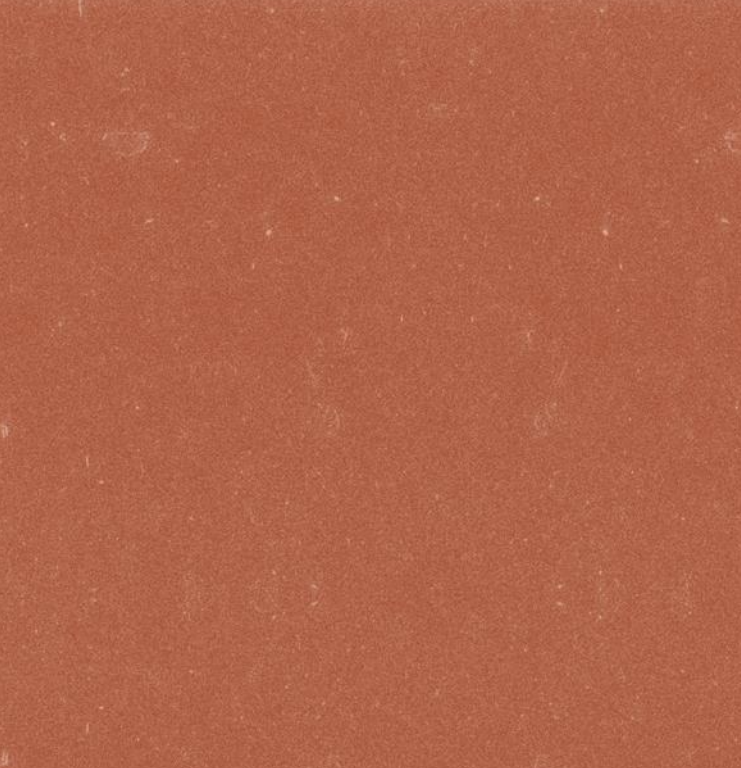
sim! 16:38 ✓

acho importante! 16:38 ✓

thay

obrigafa por resgatar essas coisas pq acho q as vez... normal amiga! acho que a gente cai muito nessa armadilha assim 16:39 ✓

de achar que tá ótimo e pra todo mundo 16:39 ✓





minha autoestima é entrelaçada ao meu cabelo e acredito que pra maioria das meninas negras também.

já foi muito difícil me sentir bonita com o meu cabelo natural. não sabia como cuidar, lembro das dores de cabeça enquanto penteavam, das tentativas de desembaraçar, alisar ou das hidratações. de passar litros de creme com muita água e sair com o cabelo pingando. de pentear com o creme na raiz para evitar volume. de a todo momento dar um pulo no banheiro da escola para ajustar. de ler a embalagem dos produtos de cabelo da minha mãe e usar na esperança de que o meu fosse ficar liso. e de quando tentei me afastar da vaidade, só prendia de qualquer jeito. era meu sonho ter um cabelo que eu pudesse passar os dedos entre os fios.

quando, também pela internet, acessei conteúdos ensinando a cuidar, conheci meu cabelo, aproveitei do volume e frizz, descobri novas formas de usá-lo.





no ensino médio descobri as tranças. já decidi logo de cara fazer dreads de lã. dali me apeguei às tranças, mudanças capilares, a me enxergar como uma pessoa bonita de diferentes formas, e não só a partir da expectativa do outro.

afeto é autocuidado.



hoje consigo ver beleza no que une e embola,  
e se criança eu soubesse que meu cabelo podia desenhar.













# ANEXOS

---

referências visuais, sonoras (músicas ou conversas), experimentais, de materiais, suportes, narrativas e memórias possíveis.

algumas que esbarrei ou chegaram até mim, como recomendação, durante o curso de artes visuais e a elaboração deste tcc.



Quartilhões e barricadas (2022) Amanda Melo

AMOR-TECIMENTO (2019) Renata Felinto





CUMBE (2014) Marcelo D'Saete



Colin em preto e branco (2021) Colin  
Kaepernick, Ava DuVernay



Envolvimento (2022) Grupo Ururay



AFETOS podcast Gabi Oliveira e Karina Vieira



ORIGINAL SPOTIFY



# MANO a MANO

MANO a MANO podcast Mano Brown



Tim Maia e suas letras <3

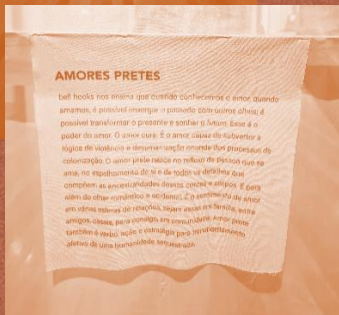


Tiébélé em Burkina Faso, na África Ocidental



Mulheres Negras Não Recebem Flores  
(2021) Pamela Castro





exposição Um Defeito de Cor (22-23)  
MAR Museu de Arte do Rio



Guis de um Amor Cego  
Rico Dalasam

O que sei sobre o amor, eu inventei  
Inventei um jeito pra me amar  
E quando alguém se sente amado por mim  
Eu penso que deu certo o que eu precisei inventar  
Nunca foi e nem nunca será semelhante a nada

Fim das Tentativas (2022) Rico Dalasam

A magia do  
Reggae: da  
Jamaica ao  
Maranhão

Entrevistas  
com Lélia  
Gonzalez  
e Bryan  
Stevenson

Bob  
Marley:  
o mito como  
metáfora

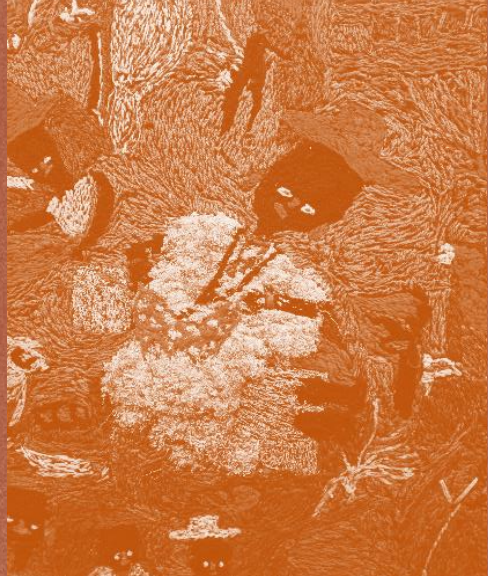
A cor da  
Pena  
de Morte



Reaja à violência racial:  
**“beije sua preta  
em praça pública”**

(ORJ)

jornal do Movimento Negro  
Unificado (MNU), 1991



Madalena dos Santos Reinbolt



O Muro Celeida Tostes

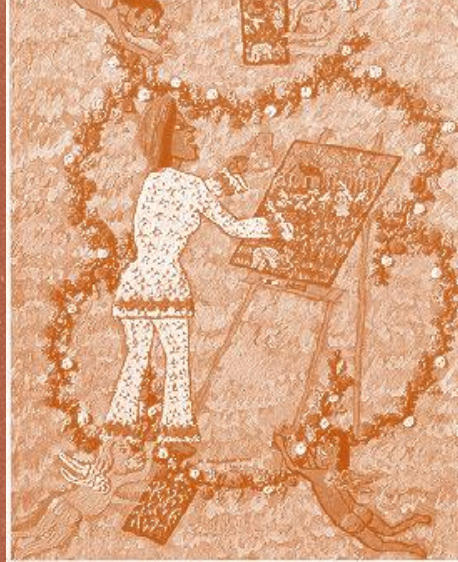


Rosana Paulino





*Rivers and Tides (2001) Andy Goldsworthy*



*Maria Auxiliadora da Silva*





Rota do Tabaco (2016) Dalton Paula



30 anos, uma das mais belas trajetórias visuais dedicadas à população negra em todo o mundo. Em uma reportagem publicada em 2011 na *Gazeta do Povo*, Firmo declarou:

Era a época da pílula, dos Beatles, do Woodstock, do 'negro é bonito'. Deixei meu cabelo crescer, e comecei a parte política do meu trabalho. Fui para as ruas, para as fábricas, para as festas profanas e para os músicos, sempre dando ênfase para a negritude. Mas minha postura nunca foi de usar o verbal, discursar em uma mesa. Trabalho numa linguagem muda. A fotografia se apropria disso. Através dessa sutileza, posso fazê-la gritar.

Walter Firmo

## referências bibliográficas

1\_COLABORAMERICA TV. Confluências: o modo quilombola de vida, e a sociedade do século XXI - Antonio Bispo. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CQoJOiHYaTY>

2\_EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres Belo Horizonte: Nandyala, 2011

3\_hooks, bell. Feridas Internas: Abuso e Abandono. In: Rock My Soul: Black People and Self-esteem. Tradução Carol Correia. Disponível em: <https://medium.com/enugarijo/feridas-internas-abuso-e-abandono-por-bell-hooks-c59ebf2365de>

\_\_\_\_\_. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

\_\_\_\_\_. Vivendo de Amor. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>

4\_MANO A MANO. Entrevistada: Karol Conká. Entrevistadores: Mano Brown, Semayat Oliveira. Spotify Studios, 26 ago 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/27XkW9BQhnlKEYRvrXLoF8?si=2WVTMJorSMqsprKuRHWUYw>

5\_NOGUERA, Renato. Por que amamos : o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor / Renato Noguera. — Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2020.

6\_SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos, Modos e Significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

\_\_\_\_\_. Somos da terra. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 12, p: 44-51, ago. 2018.